



O que nasce do nada

What arises from nothing

José Ternes*

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

Resumo

Les mots et les choses é definida por Foucault como uma história arqueológica dos saberes modernos. É, pois, uma história do presente. Reconhece-se que o presente, denominado modernidade, configura um espaço epistemológico radicalmente novo. Os primeiros sinais dessa novidade podem ser detectados já na segunda metade do século XVIII. É o *Cogito* envelhecido. Com Kant, o aparecimento da vida, do trabalho e da linguagem, o conhecimento por imagens não mais se sustenta. Com esses novos objetos, e especialmente com a filosofia crítica, conhecer exige haver-se com um campo transcendental, aonde o cogito se abre para o não pensamento. Onde o sujeito se torna função de pensamento. Antes que representar, inventar. Gesto que abre a possibilidade de algo ausente em toda a história da cultura ocidental: a literatura. Não se trata de desprezar obras *literárias* de épocas anteriores, mas esse estatuto seríamos nós que, retrospectivamente, lhes conferimos. Escrever era comunicar uma verdade,

* JT: Doutor em Filosofia, e-mail: joseternes@hotmail.com

quer dos heróis fundadores (epopeia) quer do futuro (profecia), quer da natureza (prosa do mundo). Na literatura a linguagem comparece em seu ser. Suas verdades (irrealidades) nascem do nada.

Palavras-chave: Linguagem. Literatura. Modernidade. Criação. Ficção.

Abstract

Les mots et les choses is defined by Foucault as an archaeological history of modern knowledge. It is, therefore, a history of the present. It is recognized that present, called modernity, configures a radically new epistemological space. The first signs of this novelty can be detected in the second half of the 18th century. It is the Cogito aged. After Kant, appearance of life, the work and the language, the knowledge by images no longer stands. With these new objects, especially the critical philosophy, knowing requires proceeding to a transcendental field, where the cogito opens for non-thought. Where subject becomes function of thought. Before representing, inventing. Gesture that opens the possibility of something missing throughout the history of western culture: literature. It is not a question of despising literary works in former times, but this status would be granted, retrospectively, by us. Writing was to communicate a truth, either of founder heroes (epic), future (prophecy), or nature (prose in the world). In literature, language appears in your being. Its truths (unreality) were born of nothing.

Keywords: Language. Literature. Modernity. Creation. Fiction.

Introdução

O prefácio para a própria obra tem os seus riscos. Pode comprometer o autor, pois “não seria conforme tudo aquilo que deve ser, com relação a um livro, a reserva daquele que o escreveu” (FOUCAULT, 1972, p. 10). *Reserva* necessária para uma certa maneira de entender a filosofia: fala a linguagem, não o sujeito. Apesar da ironia, Foucault escreveu prefácios, tanto para seus escritos, quanto para os de outros. E quatro anos após a segunda edição de *História da loucura*, uma outra moral parece desenhar-se: É preciso anunciar ao leitor o que encontrará nas

quatrocentas páginas que o esperam. É preciso antecipar-se à pergunta (sempre maliciosa) do crítico: qual o seu objeto? De que se trata, aqui, afinal? A linguagem, somente ela, parece não bastar. No Prefácio *As palavras e as coisas*, o mestre se explica: “Mais que de uma história no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma *arqueologia*” (FOUCAULT, 1990, p. 12, *grifo do autor*). Magistério duvidoso, dado o pulular de reações dos mais variados matizes. Como observa Canguilhem, muitos dos primeiros leitores, mesmo críticos importantes, leram mal aquela estranha *história*. “No que diz respeito ao conceito de *arqueologia*, [...], só o tomaram em conta para contestá-lo e para substituí-lo pelo de *geologia*” (CANGUILHEM, 2012, p. 10, *grifo do autor*). Ao naturalizarem, assim, a história espacial nascente de Foucault, teriam permanecido cegos ao que seria o ofício mesmo do arqueólogo: dar conta da cultura, em suas disposições epistemológicas fundamentais, numa determinada época. Pois é este o *habitat* do homem, não o planeta.

No meio século que nos separa do aparecimento de *Les mots et les choses*, centenas de trabalhos enfrentaram a mesma pergunta fundamental acerca do objeto da arqueologia e, mais precisamente, acerca do que seria uma arqueologia do saber. Não cabe, aqui, fazer um inventário, ou discutir a qualidade desses discursos. Insistiria no significado estratégico (e teórico) do artigo “Morte do homem ou esgotamento do *Cogito?*”, é a ele que os demais devem um pesado tributo, mesmo que o contestem. Depois dele, sem esquecer as inúmeras intervenções do próprio Foucault, não será mais possível olvidar que se está face a uma história outra que a dos historiadores *tout court*. Importa o espaço, antes que o tempo. O que, mais do que uma nova metodologia, é uma revolução. Um divisor de águas cujos primeiros balbucios já podem, sem dúvida, ser reconhecidos, em alguns escritores e críticos russos do começo do século, e que mereceram do sistema o (para a ocasião) pejorativo *formalista*, ou em pesquisas científicas mais recentes, no campo das ciências humanas e do estudo da literatura e dos mitos, com Dumézil, Lévy- Strauss, Martinet, ou na música, com Pierre Boulez e, na literatura e teoria literária, com a produção inestimável de Maurice Blanchot. A todos eles o reconhecimento de uma pesada *dívida*. Mas, especialmente ao último, e à sua companhia *maldita*.

Atualmente, quando pronuncio o nome de Blanchot, acontece de encontrar estudantes que me perguntam: *Quem é?* [...] de Klossowski eles sabem um pouquinho, de Bataille também, mas eu disse a mim mesmo que talvez, tanto eu quanto outros, não mostramos suficientemente a dívida que temos para com eles. De todo modo, essas pessoas, nos anos de 1950, foram as primeiras a começar a nos fazer sair do fascínio hegeliano no qual estávamos fechados, ou que pelo menos nos dominava (FOUCAULT, 1978, p. 241-2).

Desenvolvimento: Entre *epistemes*

A pergunta acerca da natureza do espaço, ou dos espaços, objeto de descrição, não aparece apenas em 1966, com *As palavras e as coisas*. Em *História da loucura*, fala-se em sensibilidade de uma época, “uma sensibilidade social, comum à cultura europeia [...] mas claramente articulada” (FOUCAULT, 1972, p. 67). E esta muda da renascença para a idade clássica, e daí para a modernidade. Muda a loucura, os loucos em cada uma dessas épocas são outros: *navegantes* sem norte, gente que perdera o juízo, doentes mentais. Já no concernente aos espaços nosológicos, pode-se facilmente constatar que, de tempos em tempos, os seres que os povoam mudam de natureza. Que “houve e haverá outras distribuições do mal” (FOUCAULT, 1972, p. 2). Assim, na idade clássica, as doenças se dão no quadro abstrato da Natureza, onde “os encaideamentos se desatam e o tempo se aniquila” (FOUCAULT, 1972, p. 4). Já na modernidade, assistimos ao nascimento do corpo como sede do mal. A doença, agora, é “tomada na espessura do corpo” (FOUCAULT, 1972, p. 2). *As palavras e as coisas* preservam, a grosso modo, essas topologias. A de *História da loucura*, inteiramente. A de *Nascimento da clínica*, em parte, pois se trata, aqui, de uma história que começa somente no final do século XVII, quando os seres já estavam acomodados no *jardim das espécies*. Trata-se, porém, de uma história com pretensões maiores. Multiplicidade de objetos e, ao mesmo tempo, redefinição do que *se presta ao saber* do arqueólogo. “História do mesmo”, lemos no final do Prefácio (FOUCAULT, 1990, p. 14). Problematização do pensamento ocidental recente em suas condições internas de possibilidade.

História da formação sucessiva de três *epistemes*. História, também, da deformação, ou ruína, das duas primeiras. Quanto à terceira, Foucault a define como *a nossa*, aquela à qual ainda pertenceríamos. Mas não deixa de insinuar que, talvez, já se aproxime o seu fim, mudadas “as disposições fundamentais do saber” (FOUCAULT, 1990, p. 404). É bem possível que “nosso solo silencioso e ingenuamente imóvel” (IDEM, 1990, p. 14) trema novamente, se inquiete, outra vez, “sob nossos passos” (sic).

Esses espaços, insistiria, são ordens de saber, antes que de coisas, apesar do título do livro. Por isso, a história desses espaços não poderia jamais ser empírica. E se, num primeiro olhar, isso parece possível, logo o próprio Foucault alerta: as coisas de uma determinada época nos escapam irremediavelmente. “Era decerto improvável que as hemorroidas, as aranhas e as amóbatas viessem um dia se misturar sob os dentes de Eustenes: mas, afinal de contas, nessa boca acolhedora e voraz, tinham realmente como se alojar e encontrar o palácio¹ de sua existência” (FOUCAULT, 1990, p. 6). Num primeiro olhar, portas abertas para uma filosofia da existência. Todos esses seres bem poderiam comparecer em Bouville para atormentar (*nadificar*) a estadia de Roquentin, intensificar a sua *nausée*. Para um olhar mais atento, porém, emerge logo o horror de Foucault, não somente face ao existencialismo sartreano, mas à fenomenologia em geral. Faz sentido a observação de G. Lebrum de que *As palavras e as coisas* poderia ser lida como uma *anti-Krisis* (DELEUZE, 1988, p. 46). Com a recomendação, porém, de que não nos detenhamos somente na Parte II do livro. O Husserl contestado se reconheceria, particularmente, na Parte I, na análise da Idade Clássica como uma época da representação, ou da *imagem do mundo*. Foucault acusa o reducionismo da história fenomenológica husserliana. A *Mathesis universalis* do século XVII teria sido interpretada como um acontecimento da exclusiva matematização da Natureza, do objetivismo fisicalista do Sujeito soberano.

Não é prudente, no entanto, prolongar demasiadamente esta incursão *metodológica*. Esquece-se, facilmente, a história efetivamente escrita. Aquele *o que* da história, seu objeto, a que Canguilhem dedicou

¹ A tradutora Salma T. Muchail inseriu esta nota: “No original, *palais*, que significa *palácio, palato, e paladar*”.

toda a introdução aos *Études d'histoire et de philosophie des sciences* (1975). A breve referência à estrutura fundamental de *As palavras e as coisas* diz, já, o que fora tematizado. Difícil afirmar que se trata de uma organização ternária, apesar do reconhecimento de três *epistemes* distintas, e descontínuas entre si. A divisão do livro em duas partes parece autorizar tal insinuação, visto que *A Prosa do mundo* comparece somente como um capítulo da Parte I. E, paradoxalmente, como o segundo². O que, considerando também o seu tamanho (27 páginas), parece sugerir que Foucault não pretendia mesmo (ou não lhe parecera a ocasião de) investir mais na pesquisa daquela época. Melhor, talvez, não poderia se aventurar por um mundo, um pensamento, tão “estranho à nossa idade e à nossa geografia” (FOUCAULT, 1990, p. 5), tão perturbador quanto o da *enciclopédia chinesa* de Borges, onde “o que atingimos, o que, graças ao apólogo, nos é indicado como o encanto exótico de um outro pensamento, é o limite do nosso: a impossibilidade patente de pensar isso” (sic). No entanto, a Renascença também poderia carregar uma mensagem outra. O silêncio que recaiu sobre ela durante toda a Idade Clássica talvez não tenha o sentido de uma liquidação. O *sobrinho de Rameau*, não é um acaso. Testemunha um novo começo. “Última personagem em quem loucura e desatino se reúnem, o *Nete de Rameau* é aquele no qual o momento de separação é prefigurado, igualmente” (FOUCAULT, 1972, p. 364). *As palavras e as coisas* traça o mesmo limite, agora observado na história dos saberes. Os *signos*, necessariamente, se multiplicam. Cada região epistemológica com o seu *Sobrinho*. Uns, efetivamente, *limites da representação*. É o caso de Jussieu, Lamarck e Vicq d’Azyr para o conhecimento dos vivos. É o caso de Adam Smith, quando se pensa a passagem das riquezas para a produção. E é, finalmente, o caso de Coeurdoux, ou Anquetil-Duperron, nos limites entre a *gramática geral* e o nascimento de ciências empíricas da linguagem. Outros, filósofos, parecem transgredir o objetivo do Capítulo VII. Destutt de Tracy não configura um limite. No máximo, pode ser destacado como o último representante de uma dinastia. O último *ideólogo*. Kant também não

² Talvez a inserção feita por Pierre Nora, na última hora, do artigo “Les suivantes” como capítulo I, já publicado na Revista *Critique*, tenha algo a ver com essa, pelo menos, aparente confusão.

é um limite nas análises de Foucault. Situa-se, já, fora da representação, contestando-a, ou a interrogando no que concerne às suas condições de possibilidade. É, decididamente, um *crítico*, e pode, assim, figurar como “o limiar de nossa modernidade” (FOUCAULT, 1990, p. 257).

Foucault reconhece aí, quer em alguns saberes empíricos, quer na filosofia, os primeiros sinais de uma transformação arqueológica prestes a se realizar. Sem essas inflexões, pouco ostensivas, nem Ricardo, nem Cuvier, nem Bopp seriam possíveis. E Kant, já definido como *moderno* no capítulo VII, nada seria sem a morte da *Ideologia*, sem, na formulação de Canguilhem, o *esgotamento do Cogito*. Esses nomes, confessa Foucault na conferência nas *Journées Cuvier*, em maio de 1969, não teriam sido a forma mais adequada para dizer o que estava em jogo. Mais do que nomes, *acontecimentos*. Antes que autores, *signos*.

Para a arqueologia não importa a quantidade de acontecimentos analisados. Não há um número de signos previamente estabelecido. Tudo depende do historiador. No capítulo VIII, os eleitos foram três, fundamentalmente. Somados a Kant, permitiram a Foucault um esboço da nova ordenação em curso. Poder-se-ia escolher outros, e se chegaria a resultados (*ficções*), provavelmente, parecidos. Mas há uma sabedoria (ou *esperteza*) também em jogo. Os *signos* precisam ser *modernos*. Precisam, como se expressa Bachelard, dar *lições* de modernidade, pois há aqueles, anacrônicos (*superados*), que, já no século XIX ou XX, fornecem lições de um outro espaço, de uma idade já esgotada. Corre-se o risco de escrever uma *história* de coisas mortas, que *falam*, certamente, mas numa língua estranha a nossos ouvidos. E a *lição* (caso se queira, *atitude*) fundamental talvez se resuma nisto: não mais o *cogito* em sua inabalável soberania, mas o comércio estreito entre pensamento e impensado. Testemunham-no os novos objetos empíricos: o trabalho, a vida, a linguagem. Mostra-o a física e as matemáticas modernas, bem como a música, a dança, a literatura. Mas, acima de tudo, muda a filosofia:

Foucault teve, sem dúvida, o sentimento de não falar somente de si, de não somente indicar o ponto obscuro (ainda que não secreto) a partir do qual se desdobra o discurso conciso e por vezes difícil de *As palavras e*

as coisas, ele teve também o sentimento de indicar a questão que, fora de toda a preocupação tradicional, constitui para a filosofia sua tarefa atual (CANGUILHEM, 2012, p. 28-9).

Mudança essencial do *Cogito*. Um cartesiano buscava sempre “a apropriação intuitiva da identidade, no *pensar*, do pensamento pensante em seu ser” (sic) (CANGUILHEM, 2012, p. 28). Já ao *Cogito* moderno será negada essa *facilidade*. Visível e invisível, superfície e profundidade, ser e não-ser já não se opõem visceralmente. Estas linhas de “O cogito e o impensado”, secção V de “O homem e seus duplos” parecem indicar o que poderia ser a filosofia (sua “tarefa atual”) na *Idade do Homem*:

não será, portanto, a súbita descoberta de que todo o pensamento é pensado, mas a interrogação sempre recomeçada para saber como o pensamento habita fora daqui, e, no entanto, o mais próximo de si mesmo, como pode ele *ser* sob as espécies do não-pensante (FOUCAULT, 1990, p. 340).

Toda a Parte II de *As palavras e as coisas* poderia (deveria?) ser lida como a busca das respostas possíveis a essa pergunta. Impossível, aqui, realizar esse rastreamento. Com o título, *O que nasce do nada*, pretendia delimitar um campo restrito no interior dessa ampla história dos saberes. História comparável, como já assinalado, à importante obra de Husserl, *A crise das ciências europeias*, a que, também parece opor-se intencionalmente. Último campo empírico a contornar a representação, a linguagem acompanha, *grosso modo*, a mesma *démarche* da história da biologia e da economia política. Está em jogo, no capítulo VIII, “a linguagem tornada objeto”. Porque histórico, porém, nenhum objeto moderno pode ser reduzido a seu estrito estatuto de objeto. Após Kant, será preciso, sempre, considerar o campo transcendental em que se inscreve e que o condiciona. Objetos, assiná-la F. Jacob (1983, p. 95) “quase transcendentais”. No entanto, mais do que os dois primeiros, este sofre, ou enfrenta, *compensações* mais sérias. Foucault se refere a três. Primeiro, as múltiplas discussões acerca das formas modernas da linguagem, originadas, principalmente, nas ciências. Russel

comparece como o signo maior. Depois, o ressurgimento da hermenêutica. Todo saber demanda a pergunta acerca de um *a priori* invisível, nunca totalmente esclarecido. Destaque especial a Freud. Mas há outros: Nietzsche, Marx, toda a fenomenologia. Finalmente, a literatura, “a mais importante, a mais inesperada também” (FOUCAULT, 1990, p. 316). E é esta, sua possibilidade tardia na cultura ocidental, que gostaria trabalhar um pouco mais.

As palavras e as coisas, embora dedique poucas páginas ao nascimento da literatura, é obra fundamental para a compreensão do *interesse* de Foucault por ela. Com efeito, muitos leitores não veem aí mais do que um *interesse*, um capricho da moda nos anos 60 assumido, vivido, pelo jovem filósofo, e que, como tudo na moda, logo seria abandonado, substituído, por algo mais *sério*. Não se deram conta de que estavam a ler uma arqueologia, e não um livro de curiosidades. Aliás, as referências a obras e autores literários são bem poucas. Decepcionantes mesmo quando se está à procura de erudição. A importância referida acima é outra: permitir o acesso, não a fatos literários em sua incontornável dispersão, mas ao *arquivo* da literatura. Conceito difícil, cuja tentativa de elucidação exigiu do próprio Foucault (1969) a escritura de uma obra *metodológica* à parte. Deleuze falou de um *novo arquivista* na cidade, uma figura que, diferente dos funcionários dos museus, realizaria um trabalho *em diagonal*, “que tornará legível o que não podia ser apreendido de nenhum outro lugar” (DELEUZE, 1988, p. 13-14). Esse *não-lugar*, como já vimos, foi a tarefa fundamental de *Les mots et les choses*. Se não levamos isso a sério, os muitos ensaios de Foucault sobre literatura se tornam incompreensíveis. *Aventuras* de um retórico.

Na mesma época da elaboração de *As palavras e as coisas*, e até o final da década, observa-se o aparecimento de uma infinidade de ensaios menores sobre o acontecimento linguagem. “O ser da linguagem” constitui o arremate da descrição da *episteme* renascentista, último texto de “A prosa do mundo”. Na virada do século XVI para o século XVII, essa expressão perde seu sentido. Entramos na Idade Clássica, onde a linguagem desaparece. Ela “se retira do meio dos seres para entrar na sua era de transparência e de neutralidade” (FOUCAULT, 1990, p. 71). Perde seu *ser*. *Dom Quixote* o testemunha bem. Depois, um deserto

de dois séculos. Apesar de seus principais (e seguros) trombeteadores, chegara, também, a seus limites. Acontecimento fundamental esse dos derradeiros anos do século XVIII. Sem ele, “o retorno da linguagem”, objeto da subunidade I de “O homem e seus duplos”, seria impensável. Mas, tratar-se-ia, mesmo, de um *retorno*? Talvez, sim. Talvez, não.

Talvez, não, preservando a ordem do próprio discurso de Foucault. Depende do que, na modernidade, se entende por linguagem quando dela nos ocupamos. E há duas situações em que nada mudaria: quando se privilegia, na análise, o significado, ou quando a ênfase recai sobre o significante. Oposição aparente, pois “isso não passa de um episódio” (FOUCAULT, 1990, p. 60). Tais análises enraízam-se em fontes bem conhecidas: a psicanálise, a linguística, a semiótica, etc. Não importa. Todas fazem da linguagem um instrumento para a significação. Com isso, permanecer-se-ia “no estatuto clássico da linguagem” (sic) (FOUCAULT, 1990, p. 60). E não haveria, rigorosamente, porque falar em *retorno*.

Talvez, sim. Aqui, também, duas possibilidades, ou duas situações. Onde e em que se poderia reconhecer o *retorno da linguagem*? O lugar do acontecimento, na modernidade, não é segredo para os leitores de Foucault: é o espaço literário. Já a resposta à pergunta *o que* retorna não aparece com a mesma segurança. As últimas linhas do capítulo II talvez sirvam para uma primeira elucidação:

A partir do século XIX, a literatura repõe à luz a linguagem no seu ser: não, porém, tal como ela aparecia ainda no final do Renascimento. Porque agora não há mais aquela palavra primeira, absolutamente inicial, pela qual se achava fundado e limitado o movimento infinito do discurso; doravante a linguagem vai crescer sem começo, sem termo e sem promessa. É o percurso desse espaço vão³ e fundamental que traça, dia a dia, o texto da literatura (FOUCAULT, 1990, p. 60).

Percebe-se, facilmente, que não é mais possível ser *renascentista*. Por outro lado, um moderno, certamente, se sentiria mais confortável

³ Foucault usa a palavra *vain*. Quase sempre prefere a palavra *vide*, quando se refere aos espaços por ele tematizados. A tradutora optou pela palavra “vão”. Penso que “vazio” não ficaria mal.

nas águas da similitude, onde “o mundo se enrolava sobre si mesmo” (FOUCAULT, 1990, p. 33), nas mais estranhas figuras, do que na escola de Port-Royal, ou no deserto cartesiano da ordem das razões. Em nossa gramática, uma série de noções, destinadas a articular o saber das semelhanças, não faria o menor sentido. Foucault relaciona algumas, todas latinas, o que não é desprezível, extraídas da obra de P. Grégoire, *Syntaxeon artis mirabilis* (COLÔNIA, 1610, p. 28): “*Amicitia, Aequalitas (contractus, concensus, matrimonium, societas, pax et similia), Consonantia, Concertus, Continuum, Paritas, Proportio, Similitudo, Conjunctio, Copula*” (FOUCAULT, 1990, p. 33-34). E, continua o filósofo, haveria ainda muitas outras, “que, na superfície do pensamento, se entrecruzam, se reforçam ou se limitam” (sic). Infinitas figuras, abandonadas pela Gramática Geral dos clássicos, mas também nada familiares ao pensamento contemporâneo. Após mais de quatro séculos, juntam-se ao que, efetivamente, não *mais se presta ao saber*. Situados aí, “na superfície do pensamento”, não há porque se interessar pela Renascença. Nossa gramática é outra. As noções fundamentais são outras. Mas o arqueólogo opera para além dessa *superfície*, e, escavando em profundidade, pode encontrar outra coisa. Um *solo* epistemológico mais acolhedor, ainda que não comum ao nosso. Nada acolhedor, fora, como vimos, o da Idade Clássica. E por um acontecimento extremo: a linguagem, ela mesma, fora elidida. Já na Renascença, não. Havia linguagem, condição primeira para o que denominamos, modernamente, literatura. Mas, Foucault é cauteloso. Na conferência “Linguagem e literatura”, proferida em Bruxelas em 1964, afirma não ter certeza que a literatura tenha a idade que, frequentemente, lhe atribuímos. “Pensa-se que a literatura não tem outra idade, outra cronologia, outro estado civil que não os da própria linguagem. Mas não estou convencido de que a literatura seja tão antiga assim [...] Não é tão evidente que Dante, Cervantes ou Eurípedes sejam literatura” (FOUCAULT, 2000, p. 140). Seu pertencimento à história da literatura tem a ver, não com os antigos, mas com a nossa maneira de pensar, com o que é literatura para nós, modernos. Foucault, no entanto, não parece satisfeito com essa distinção. Penso que, em outros momentos, o divisor entre o que é e o que não é, ou

nunca foi literatura aparece mais nitidamente. E as palavras finais do capítulo II não deixam dúvidas: “doravante a linguagem vai crescer sem começo, sem termo e sem promessa” (FOUCAULT, 1990, p. 60). Fim da epopeia, fim da profecia, fim da prosa do mundo, também. No entanto, as frequentes referências a obras renascentistas parecem importantes nas análises *literárias* de Foucault. Na estrutura geral de *As palavras e as coisas*, a grande oposição se estabelece entre Idade Clássica e Modernidade. Há mais de dois séculos a Idade Clássica se exauriu, mas é ela o que não somos mais. Nas artes, e na literatura, a interlocução privilegiada se desloca para o Renascimento. Uma enigmática familiaridade nos aproxima.

Desde *História da loucura* estabelece-se, já, um interessante diálogo entre Goya e os renascentistas Bosch e Brueghel:

O Goya dos *Disparatados* e da *Casa do Surdo* dirige-se a uma outra loucura. Não a dos loucos jogados na prisão, mas do homem jogado em sua noite. Não está ele reatando, para além da memória, com os velhos mundos dos encantamentos, das cavalgadas fantásticas, das feiticeiras empoleiradas em galhos de árvores mortas? O monstro que sopra seus segredos nos ouvidos do *Monge* não é parente do gnomo que fascinava o *Santo Antônio* de Bosch? Num certo sentido Goya redescobre essas grandes imagens esquecidas da loucura (FOUCAULT, 1972, p. 550).

Percebe-se logo que Goya (ou a modernidade) não realiza um retorno *tout court* ao mundo fantástico dos séculos XV e XVI. Com efeito, não se pode reconhecer em Goya, como acontecera em Bosch e em Brueghel, uma *prosa do mundo*. As imagens destes, “nascem do próprio mundo; pelas fissuras de uma estranha poesia, elas sobem das pedras e das plantas, surgem de um bocejo animal; toda a cumplicidade da natureza não era demais para a formação de sua ronda. As imagens de Goya nascem do nada” (sic) (FOUCAULT, 1972, p. 550).

Na conferência radiofônica “Le silence des fous”, em 1963, Foucault explora, a par do *Quixote* de Cervantes, uma obra de Shakespeare, *O Rei Lear*. É este que testemunharia o modo de ser da linguagem renascentista onde, como acabamos de ver, as imagens *nascem do próprio mundo*. Nas conversas com o “louco”, Lear esbraveja:

“Relâmpagos de enxofre, mais rápidos que o pensamento, precursores dos raios que estraçalham o carvalho, queimem minha cabeça branca. E tu, trovão que abala o universo, achata para sempre a grossa redondez do mundo” (SHAKESPEARE, 2013, p. 71).

A novidade da literatura, bem como a da pintura, desde os seus primeiros momentos, na virada para o século XIX, consiste no deslocamento da escrita do mundo, seja aquele de Lear, seja o de *Santo Antônio*, de Bosch, para o mundo (caso esta palavra ainda tenha sentido) vazio, onde não há o que descrever. Onde as imagens *nascem do nada*. A batalha, agora, se desloca. Foucault o mostrara bem em seus diálogos com Boulez:

Na época em que nos ensinavam os privilégios do sentido, do vivido, do carnal, da experiência originária, dos conteúdos subjetivos ou das significações sociais, encontrar Boulez e a música era ver o século XX sob um ângulo que não era familiar: o de uma longa batalha em torno do *formal* (FOUCAULT, IV, 220, *grifo nosso*).

A literatura realiza o mesmo gesto. Como já observei, em *As palavras e as coisas* os signos desse gesto são poucos. Algumas indicações, apenas: Mallarmé, Artaud, Bataille, e mais alguns poucos. Nada comparável com a atenção conferida às ciências empíricas e às ciências humanas. Será preciso buscar fora, em pequenos ensaios, o *material* próprio da experiência literária. E poderíamos montar um acervo respeitável. Mas, não é preciso. Um inventário a nada levaria. Inverte-se o princípio comeniano da erudição universal. Goya, ele apenas, bastaria. O *signo* Goya⁴. Eleja-se outro, Roussel, ou Lautréamont, ou Baudellaire (difícil uma enumeração completa), a *lição* será a mesma. Em todos eles, a linguagem *retorna*. Em cada obra, a linguagem em seu ser.

⁴ Insistiria na noção de *signo* na arqueologia de Foucault. Um signo diz mais do que uma obra, um autor, ou, mesmo, uma escola. Ele serve para assinalar um espaço de pensamento. Ao falar *Goya*, entende-se, antes que uma forma particular de escritura (pintura, música, literatura, etc.), o nascimento das condições de possibilidade (retorno, talvez), na história ocidental, do poético.

Considerações finais

Imagino como seria uma escola que levasse a sério essas lições de modernidade, onde a questão não mais seria *quem* escreveu, mas *o que* foi escrito, *o que* foi dito. Não quem, mas o que se pensa. E nossas relações com o pensamento mudariam radicalmente. Antes de tudo, não se trataria mais de relações com pessoas. Seria o fim dos intermediários. Particularmente dos críticos (com seus manuais), dos professores (com suas técnicas pedagógicas). Morte da velha (e tão atual) *causa final*. Fomos educados para fazer do conhecimento um serviço. Estar a serviço *de* (da sociedade, da vida, da região, do homem). E o elogio à *causa eficiente*, um deplorável disparate. *Les mots et les choses*, como vimos, uma ante *Krisis*, libera o pensamento desse fardo. As figuras proeminentes de nossa tradição (aluno, professor, comunidade) certamente não desaparecem. Retraem-se, mascaram-se diante da vetusta *estrangeira*: o livro. Foucault é conhecido na Academia, antes de tudo, por sua luta *em defesa da sociedade*. Um filósofo da resistência. O que se justifica: suas análises da sociedade moderna oferecem-nos um quadro bastante desolador. A autonomia ou a maioria com que sonhavam os iluministas, cada vez mais, dá lugar à submissão e à normalização. *Corpos dóceis*, corpos submissos, sociedade cada vez mais normatizada ensina-nos o belo livro *Vigiar e Punir*. Seria prematuro atribuir a esta inflexão, a este desnível na recepção da obra de Foucault, a explicação única da suposta perda de *glamour* da arqueologia dos saberes de 1966. Se, como expressa Deleuze (1988, p. 14), vivêramos, no começo daquela década, “uma manhã de festa”, não há nenhum sinal, 50 anos depois, de um ocaso de luto iminente. Ao contrário, *Les mots et les choses* parece resistir ao destino do *livro porvir*. Não somente é fundamental para a leitura dos escritos posteriores, mas se reveste de uma impressionante, urgente atualidade no que concerne a seu próprio objeto: o saber. Evocaria, para concluir, o interessante Prefácio à edição americana de *Le normal e le pathologique*. Referindo-se à dupla filiação da filosofia francesa contemporânea à visita de Husserl à Sorbonne, em 1929, onde apresentara as suas *Méditations cartésiennes*, Foucault destaca a

segunda perspectiva, a epistemologia história, de que Canguilhem fora figura proeminente.

Aparentemente, a segunda permaneceu ao mesmo tempo a mais teórica, a mais regrada em relação às tarefas especulativas, também a mais afastada das interrogações políticas imediatas. E, no entanto, foi ela que, durante a guerra, tomou parte de maneira muito direta no combate, como se a questão do fundamento da racionalidade não pudesse ser dissociada da interrogação sobre as condições atuais de sua existência. Foi ela também que desempenhou no curso dos anos 60 um papel decisivo em uma crise que não era simplesmente a da universidade, mas a do *status* e do papel do saber (FOUCAULT, 1994, p. 764).

Impossível não reconhecer Foucault nessa vertente. O conceito, a racionalidade, o saber como ofício. A forma, em última instância. A leitura de *Les mots et les choses*, hoje, me parece importante. Talvez se preste para despertar, novamente, um medo, o pavor do desaparecimento do pensamento, da impossibilidade mesma de pensar.

Referências

CANGUILHEM, G. *Michel Foucault: morte do homem ou esgotamento do Cogito?* Trad. Fábio Ferreira de Almeida. Goiânia: Edições Ricochete, 2012.

CANGUILHEM, G. *Études d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris: Vrin, 1975.

DELEUZE, G. *Foucault*. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, M. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

FOUCAULT, M. "A cena da filosofia". *Ditos e escritos, VII*. Trad. de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978, p. 241-242.

FOUCAULT, M. "La vie: l'expérience et la science". *Dits et écrits, IV*. Paris: Gallimard, 1994, 763-776.

FOUCAULT, M. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Gallimard, 1972.

FOUCAULT, M. Linguagem e literatura. In: MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 137-174.

FOUCAULT, M. *Naissance de la clinique*. Paris: PUF, 1972.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

JACOB, F. *A lógica da vida*. Trad. Ângela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

LEBRUN, G. Note sur la phénoménologie dans Les Mots et les Choses. In: CANGUILHEM et alii. *Michel Foucault philosophe*. Paris: Seuil, 1989, p. 33-53.

SHAKESPEARE, W. *O Rei Lear*. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2013.

Recebido: 21/09/2016

Received: 09/21/2016

Aprovado: 20/10/2016

Approved: 10/20/2016